

Apresentações orfeônicas nas escolas secundárias públicas de Curitiba (1930 a 1950)

Resumo

Uma questão de suma importância relacionada ao ensino de Música e Canto Orfeônico são as festas realizadas com a participação dos orfeões nas escolas secundárias brasileiras. Este artigo trata justamente dessa questão, propondo uma análise da relação das festas com participação dos grupos orfeônicos curitibanos com o cotidiano escolar, já que a organização destes eventos certamente demandava uma preparação prévia por parte de alunos, professores e funcionários da escola. Serão discutidas aqui questões como o conteúdo das canções executadas pelos orfeões de escolas secundárias públicas de Curitiba e a relação destas apresentações com a sociedade brasileira das décadas de 1930 a 1950.

Palavras-chave: Canto Orfeônico; Educação Musical; Festas escolares; História da Educação.

Wilson Lemos Júnior
Instituto Federal do Paraná (IFPR)
juniorlem@gmail.com

Introdução

O ensino de Música e Canto Orfeônico prosperou no Brasil após o ano de 1930, ano em que Getúlio Vargas assumiu a presidência do Brasil. A inclusão do Canto Orfeônico como disciplina obrigatória nas escolas, manteve seu auge durante a intervenção de Villa-Lobos no quadro educacional brasileiro, que tratou de estabelecer as diretrizes do ensino de música entre as décadas de 1930 a 1950. É certo que ainda no início do século XX, já se encontravam alguns orfeões organizados por educadores paulistas, como João Gomes

Júnior, que criou corais compostos de estudantes da Escola Normal de São Paulo, Fabiano Lozano, que trabalhou com as normalistas da cidade de Piracicaba e por João Batista Julião, que criou o Orfeão dos Presidiários na Penitenciária Modelo de São Paulo. A experiência realizada por estes educadores foi importante para a propagação do ensino do Canto Orfeônico pelo país.

Após a intervenção de Villa-Lobos no quadro educacional brasileiro, as festas escolares com a participação dos orfeões se expandiram pelo país. Durante o governo Vargas o ensino de música prosperou, mantendo uma função cívica no âmbito escolar. A proposta era que através da música, se pudesse trabalhar com a valorização nacionalista e o civismo. Nesse sentido, Villa-Lobos promoveu diversas concentrações orfeônicas com os estudantes brasileiros. A mais importante delas foi a que ocorreu no Estádio do Vasco da Gama nas solenidades do dia 7 de setembro de 1941. Nessa demonstração pública, estavam presentes mais de 40 mil estudantes primários, secundários, normalistas e operários. Essa prática acabou sendo seguida nos colégios secundários curitibanos, que por vezes, promoveram eventos nas principais datas comemorativas nacionais. Este texto objetiva analisar algumas destas festas em que houve apresentações dos orfeões escolares na cidade de Curitiba. Como fontes são utilizadas artigos de jornais divididos em duas categorias. A primeira, envolvendo artigos de grande circulação na capital, como Gazeta do Povo, O Estado do Povo e o Diário da Tarde. A segunda envolve artigos do jornal do centro estudantil do Colégio Estadual do Paraná. Vale destacar que os jornais são fontes voltadas a um público específico, ou seja, enquanto que o do primeiro grupo voltava-se a um público culto que desejava interagir com as informações do cotidiano da cidade, o segundo voltava-se basicamente para a comunidade escolar, já que era um jornal de circulação limitada ao ambiente escolar.

Os orfeões escolares através de artigos de jornais

No início da década de 1930, os orfeões foram se expandindo pelo país, mas com o advento do Estado Novo em 1937 e o apoio do ministro Gustavo Capanema essas práticas se intensificaram. Ainda em 1931, Villa-Lobos promoveu uma concentração orfeônica na

capital paulista, chamada de *Exortação Cívica*. Durante, as décadas de 1930 a 1950 foram promovidas diversas solenidades cívicas com a participação dos orfeões escolares. Em Curitiba, essa prática também foi recorrente. Através de alguns artigos publicados na imprensa local serão analisadas questões como o teor das apresentações, o repertório e o discurso utilizado pelos autores de tais artigos.

Cronologicamente, o primeiro artigo encontrado trata-se de um texto publicado no *Jornal de Antonina*, que relata sobre as comemorações em homenagem ao maestro Carlos Gomes, organizada por alunos e professores do Ginásio Paranaense, atual Colégio Estadual do Paraná, no ano de 1936:

O GYMNASIO PARANAENSE E AS COMEMORAÇÕES EM CARLOS GOMES

Programma de homenagem do corpo docente e diretor do Gymnasio Paranaense à memória do glorioso maestro Carlos Gomes, a realizar-se no dia 10/07/36, às 13:30 no salão nobre do mesmo Gymnasio.

I) Hymno Nacional, pelos alunos do curso de música do Gymnasio Paranaense, direcção do professor Bento Mussurunga.

Dissertação sobre a música e a vida de Carlos Gomes pelo prof. Benedicto Nicolau dos Santos.

III) Hino à mocidade acadêmica, de Carlos Gomes cantado pelos alunos do Gymnasio Paranaense (*JORNAL DE ANTONINA*, 09/07/36).

A homenagem a Carlos Gomes, expoente da Música erudita brasileira, fazia parte da valorização da cultura nacional. Consagrar ídolos, exemplos a serem seguidos, tornava-se uma das formas de afirmação cultural da nação. A execução do Hino Nacional pelos colegiais sempre foi uma das principais exigências dos cursos de Canto Orfeônico. Assim, a cantoria do Hino Nacional tornou-se uma regra nas apresentações orfeônicas, até mesmo quando a história política da Pátria não era o tema principal do evento, caso desta apresentação em homenagem a Carlos Gomes.

No período do Estado Novo, as apresentações orfeônicas tiveram seu ápice no Brasil, devido ao número de apresentações e participantes nestes eventos. A posição favorável do ministro Gustavo Capanema em relação às grandes realizações orfeônicas promovidas por Villa-Lobos tornava-se também um fator determinante em relação à expansão dos orfeões escolares

pelo Brasil. De acordo com a proposta de Capanema, na I Conferência Nacional de Educação, realizada em 1941;

[...] a Juventude brasileira teria na escola a sua 'base de funcionamento'; o 'ritmo de sua vida' seria estabelecido pelo seu calendário, graças ao qual 'todos os problemas', todos os ideais, todos os grandes nomes, todas as datas marcantes' seriam celebradas em seu dia, em todas as escolas do Brasil. Tais celebrações teriam maior ou menor solenidade, de acordo com a cidade, a escola ou a data a ser comemorada e deveriam, em geral, 'ser feitas rapidamente, em 10 ou 15 minutos'. As solenidades maiores, uma ou duas vezes por ano (BAHIA HORTA, 2000, p.161).

Mesmo que o plano de educação para a organização da juventude brasileira discutida na I Conferência Nacional de Educação não tenha prosperado em termos legais, a preocupação do ministro Capanema com a juventude manteve-se ativa e relacionava-se intimamente com as apresentações orfeônicas. A homenagem a Carlos Gomes tornava-se um claro exemplo de homenagem aos grandes nomes brasileiros. O curto tempo de apresentação também se aproximava com o ideal pretendido por Capanema. Nota-se que a formação de orfeões acabava tornando-se um poderoso instrumento a favor da escola, pois por muitas vezes, eram a atração principal das solenidades promovidas pelos colégios.

O próximo artigo trata de um evento promovido pelo Ginásio Paranaense ocorrido no ano de 1939, em comemoração ao dia da Bandeira, publicado pela Gazeta do Povo:

Após entrar no salão nobre e pavilhão alviverde, empunhado por uma ala do estabelecimento e guardado por um séqüito de honra pelas complementaristas, foi pomposamente entoado o hino oficial do Ginásio Paranaense. Cantou-se também entusiasticamente o hino da bandeira (...) E festivamente ecoou o hino da Independência. Seguindo o programa, o aluno Vinícius Vilas-Boas, da 3ª série do curso fundamental, vibrou encantando o auditório com palavras flamejantes. Após do que, foi ouvido o hino acadêmico. Passou-se então à entrega da bandeira ao Ginásio, debaixo de vibrantes palmas, pelo prof. Dr. Pedro Macedo. Recebeu-a o Sr. Diretor Francisco José Gomes Ribeiro que, mediante palavras calorosas agradeceu e a transmitiu ao prof. Decano do estabelecimento, sr. Prof. Dr. Valdemiro Teixeira de Freitas que, por sua

vez exaltou as belezas e as glórias do pendão nacional. Ecoou entusiástico, logo depois, o hino da bandeira, que como sempre foi dirigido pelo notável musicista maestro Bento Mussurunga (GAZETA DO POVO, 21/04/1939).

O discurso apresenta um teor nacionalista, exaltando os símbolos da Pátria. Neste caso, a data escolhida para se fazer a solenidade foi o Dia da Bandeira. No texto, nota-se a preferência do repertório pelos hinos, sendo descartadas as canções regionais e folclóricas previstas pelas diretrizes nacionais do Canto Orfeônico. Além disso, em nenhum momento do texto são exaltados aspectos relativos à música, como afinação ou desempenho dos alunos, com exceção da atuação do consagrado maestro Bento Mussurunga.

Se por um lado essas apresentações mostravam uma preocupação com o desenvolvimento da cidadania para os estudantes, por outro serviam de propaganda para o governo getulista, que apoiava publicamente essas manifestações e fazia-se adepto a proposta de propagação do orfeonismo pelo país. Segundo CONTIER (1998, p.67-68):

Com o advento do Estado Novo, as concentrações orfeônicas tornaram-se mais freqüentes e cada vez mais bem planejadas. A solenidade *Hora da Independência*, promovida para a comemoração do dia 7 de setembro de 1940, ilustra fase do apogeu desse tipo de manifestação. O projeto previa o comparecimento de 40.000 escolares e de 1.000 músicos da banda, no estádio de futebol do Vasco da Gama. O programa a ser apresentado incluía: *Hino Nacional* (Bandas), *Oração do Presidente à Nação Brasileira*, *Hino Nacional* (bandas e coros) e *Hino à Independência*; *Oração Cívica* (Saudação da Juventude Brasileira ao seu Guia: - Presidente Getúlio Vargas), *Hino à Bandeira*, *Saudação Orfeônica à Bandeira*, *Inovação à Cruz* (cívico-religioso); *Coqueiral* (Efeitos Orfeônicos); *Meu Jardim* (canção cívico-folclórica, de autoria de Ernesto dos Santos e David Nasser, solista de Francisco Alves); *Ondas e Terror Irônico* (efeitos orfeônicos); *P'ra frente, ó Brasil!* (canção cívica) e o *Hino Nacional* (bandas e coros). No final do espetáculo os escolares saíam marchando e cantando (Regente: Heitor Villa-Lobos) (CONTIER, 1998, p.67-68).

Certamente havia uma ênfase nacionalista nestas apresentações, apesar das controvérsias na citação acima, que vai desde ao número exagerado de estudantes que eram previstos na apresentação, até o longo programa a ser executado. No entanto, o

conteúdo destas canções fez com que se criasse uma relação entre o orfeonismo praticado no Brasil com aqueles praticados nos países totalitários como a Alemanha nazista de Hitler e a Itália fascista de Mussolini. Na Alemanha, no início da década de 1940, havia mais de 40.000 conjuntos corais, sendo que as canções executadas pelos orfeões assumiam um caráter iminentemente político, com alusões aos ideais arianos. O próprio Mário de Andrade, apoiador do ensino da música através do canto no Brasil, passou a demonstrar ressalvas com as concentrações orfeônicas brasileiras que assumiam uma postura semelhante aos corais alemães, transmitindo ideais políticos nas canções.

Através de outra publicação da *Gazeta do Povo*, em 30 de novembro de 1937, pode-se avaliar a lista de canções apresentadas no evento sobre a festa de encerramento do ano letivo no Ginásio Paranaense:

José Cadilhe – Bento Mussurunga – Pátria Minha, Canção Patriótica pelo Orfeon do Ginásio.
Correia Jr. Bento Mussurunga. Lindo Rincão. Canção Paranaense, pelo Orfeon do Ginásio.
E. Faria, M. With. Bento Mussurunga. Brasil, Canção Patriótica. João da Glória, Lécio do Espírito Santo e coro.
Pixinguinha. Rancho Abandonado, Canção, Dilirmando Pereira.
Leocadio Correia/ Bento Mussurunga – Bom dia Paraná.
Bento Mussurunga. Tempos Passados. Uma composição do autor, dedicado ao dr. Francisco Vilanueva. Conjunto Excelsior integrado pelos alunos do Ginásio.
Tarreza. Capricho árabe. Violão pelo sr. Altair Cavalcanti.
Julia Wanderley. O Semeador (declamação), Srta, Eunice dos Santos.
Chopin. Valsa op. Piano, srta, Iolanda Muzillo.
V. Henrique. A vela que passou, canção, João da Gloria.
Sá Pereiral. Por ti meu bem. Canção, Horacio Boscardim.
Ethelbert Werwin. Warlessus, piano., srta. Eora da Costa.
Rudolf Cordo. Canção Inlu (sic). Canção, srta. Norma Moreira.
Chaminade. Lisongeira. Piano. Srta. Madalena Cristofel.
Luiz Moreira. Suplica. Canção. Srta. Eunice dos Santos.
B. Goulard. Mazurka nº2, piano, Milton Merry.
Correia Junior. B. Mossurunga. Variações sobre a saudade. Canto, Srta. Ondina Casagrande.
Silveira Neto, B. Mossurunga. Trova rústica. Canção regional. Srtas. Norma Moreira e Ondina Casagrande.
Hino Nacional pelo Orfeon do Ginásio e pessoas presentes.

Havia uma preocupação com a divulgação da música considerada de qualidade, sem deixar de contemplar os artistas populares preocupados com a tradição cultural das canções folclóricas. Este evento promovido no Ginásio Paranaense servia como demonstração estética para os alunos. No entanto, se por um lado, havia a participação de músicos convidados, por outro, havia o orfeão destinado à parte solene das apresentações, ou seja, enquanto os convidados promoviam o espetáculo artístico, os orfeões promoviam o sentimento nacionalista através da execução de hinos e das canções cívicas.

Mas não foi apenas no Ginásio Paranaense que ocorreram apresentações com os orfeões escolares. Em 1944 é encontrado em um artigo do impresso Diário da Tarde um relato da participação de alunos da Escola Normal nas comemorações do dia do professor:

COMEMORAÇÕES DO DIA DO PROFESSOR

Associando-se as inúmeras homenagens que serão tributadas aos que militam nesta pobre profissão, o Colégio Rio Branco, em estréia colaboração com o Colégio Iguassú e outros educandários dessa cidade organizou primoroso programa de celebrações.

(...) A tarde, com início às 14 horas, terá lugar no Pavilhão da Escola Normal, grandiosa sessão solene, da qual constam números de dansas rítmicas, de musica e canto e, ainda, a apresentação de um brilhante côro feminino pertencente ao Colégio Iguassú, coro esse que interpretará 2 composições do já consagrado maestro Bento Mussurunga. (DIÁRIO DA TARDE, 1944).

Nota-se que cada vez mais as reuniões orfeônicas eram valorizadas nas escolas curitibanas, que buscavam organizar solenidades de maior abrangência, incluindo a interação entre escolas. As canções do maestro Bento Mussurunga também eram lembradas pelos orfeões escolares. O maestro Mussurunga havia sido professor do Ginásio Paranaense e compositor respeitado no Paraná, sendo autor de diversas canções cívicas e hinos paranaenses.

Mesmo com o fim do Estado Novo, em 1945, o ensino de Canto Orfeônico prosperou. Em 1946, durante o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra surgiu novas

diretrizes com objetivo de direcionar o ensino de Canto Orfeônico na escola. Durante toda a década de 1950, houve uma continuidade, pelo menos em termos legais, das orientações de 1946. Na portaria nº 300, de 7 de maio de 1946, percebem-se algumas destas diretrizes voltadas para a prática orfeônica nos colégios secundários:

PORTARIA Nº300, DE 7 DE MAIO DE 1946

Aulas e Práticas coletivas

III – As aulas serão dadas a turmas de 45 alunos.

IV – Embora as turmas não atinjam o número de alunos estabelecidos para as aulas, o ensino de canto orfeônico será ministrado com o mesmo critério.

V – A freqüência às aulas é obrigatória, devendo ser computada para todos os efeitos legais.

VI – Além das aulas serão realizadas práticas coletivas, obedecendo à seguinte distribuição:

- a) Grupo;
- b) Série;
- c) Conjunto.

Nas práticas de grupos tomarão parte de 80 a 120 alunos no máximo, reunindo-se somente turmas da mesma série.

Nas práticas de série participarão tôdas as turmas da mesma série reunidas.

As práticas de conjunto terão a seguinte organização:

1º período escolar:

- a)um conjunto da 1ª e 2ª séries reunidas, na segunda quinzena de maio;
- b)dois conjuntos da 3ª e 4ª séries reunidas, na segunda quinzena de maio.

2º período escolar:

- a)um conjunto da 1ª e 2ª séries reunidas, na segunda quinzena de agosto;
- b)dois conjuntos de 3ª e 4ª séries reunidas, na segunda quinzena de agosto;
- c)um conjunto de todas as séries reunidas, na segunda quinzena de novembro;

Qualquer outro conjunto que se faça necessário na vida escolar será realizado extra-horário.

Há uma organização muito complexa e, de certa forma, exagerada para a realidade escolar brasileira. Há um excessivo nível de racionalidade para a organização dos ensaios orfeônicos. Nitidamente, havia a preocupação com a expansão do

orfeonismo no Brasil, mesmo após o período do Estado Novo. Possivelmente em prol dessa expansão, o próprio Villa-Lobos, através de novas diretrizes, buscou reforçar a independência das apresentações com a política getulista.

Em 1951, destaca-se a participação do orfeão do Colégio Estadual do Paraná em uma festa de encerramento da Semana da Arte:

Tanto (...) no início como no encerramento, o Orpheon do Colégio Estadual, entoou, dirigido pelo Maestro Bento Mussurunga o *Hino à Árvore* de sua autoria e letra do Dr. José Gelbeck, e o *Hino de Curitiba*, letra do Dr. Ciro Silva¹.

No ano de 1953, o jornal O Colégio Estadual do Paraná, organizado pelo Centro Estudantil da instituição, relata a participação do orfeão executando o Hino do Colégio na festa realizada em homenagem ao Dia do Professor. Em nenhuma das duas festas com participação do orfeão do Colégio Estadual do Paraná foi dado ênfase na questão nacional. Não há, por exemplo, nenhuma menção de que os alunos tenham executado o Hino Brasileiro em alguma destas apresentações. É certo que a falta de fontes não permite uma avaliação mais profunda sobre esta questão, no entanto, estes indícios merecem destaque, uma vez que em todas as festas encontradas desde o início da década de 1930 até o final do Estado Novo, sempre há menções na imprensa em relação à execução do Hino Brasileiro por parte dos orfeões escolares.

As intenções políticas vinculadas ao ensino do canto orfeônico acabaram dividindo opiniões dentro do campo da historiografia. Para GOLDEMBERG (2002), CONTIER (1998), PARANHOS (1997), houve uma forte associação entre o ensino de música, disciplina e civismo no período do Estado Novo, o que fez com que este ensino ficasse vinculado ao governo totalitário da época. As discussões em torno das intenções de Villa-Lobos ganharam destaque na historiografia, na qual pesquisadores como GOLDEMBERG (2002)

¹ Este artigo foi encontrado em microfilme sobre Bento Mussurunga na Biblioteca Pública do Paraná, e não constava o nome do jornal em que estava inserido originalmente o artigo.

e KIEFER (1986) enfatizam as intenções artísticas do maestro, enquanto que CONTIER (1998) enfatiza as intenções políticas do músico.

Outra questão que dificultou a expansão do ensino de Canto Orfeônico no Brasil foi a questão do insuficiente número de profissionais habilitados para atuar nas escolas secundárias brasileiras, apesar dos esforços de Villa-Lobos. Se nas décadas de 1930 e 1940 do século XX, havia a dificuldade de encontrar professores qualificados de Canto Orfeônico, na década seguinte o problema se agravou ainda mais, pois houve um aumento substancial no número de alunos matriculados nos ginásios brasileiros.

Nas aulas de Canto Orfeônico, nota-se a valorização da música erudita, apesar de que nas apresentações escolares, havia a preferência pela execução de canções de caráter cívico e hinos. Em relação à valorização da música erudita, alguns artigos encontrados no jornal O Colégio Estadual do Paraná são esclarecedores. Nestes artigos, muitos alunos fizeram alusões à música erudita como música de qualidade. No artigo *Um Gênio Musical*, em homenagem a Joham Sebastian Bach (1685 - 1750), nota-se a tentativa do autor de convencer aos estudantes das vantagens estéticas de apreciação da música erudita.

A música de Bach é matematicamente perfeita. Não é por outro motivo que em todos os conservatórios e escolas adotam-se os seus métodos por serem os mais perfeitos e aproveitáveis. Suas composições não tem a beleza no sentido que empregamos ordinariamente, mas são ricas em perfeição na música orquestral, ainda hoje apreciados e comumente executados... (O COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 1953).

Os elogios a artistas da música erudita não são raros de encontrar nos periódicos estudantis. Desta forma, a matemática perfeita das composições de Bach, mesmo sem a “beleza no sentido convencional”, dispõe de elementos que a tornam uma música de qualidade. A música racional ganha força e é compartilhada por indivíduos “conscientes” da estética musical. No artigo *A Boa Música no Rádio Brasileiro*, de 1954, percebe-se esta preocupação com o “nível estético” dos programas de rádio:

Curioso de averiguar a quanto vai a vulgaridade da música divulgada pelas ondas hertzianas, um de nossos redatores incumbiu-se de organizar uma lista de maus programas. Como tal, porém, ocuparia o espaço de páginas inúmeras, devido à avalanche de mau gosto, ficou mais cômodo de curto anotar as audições que realmente se esmeram em apresentar a boa música.

É essa lista, que a título, não de crítica, porém de seleção, publicamos, recomendando-a à boa vontade dos leitores que desejam aprimorar sua cultura musical:

Álbum Sonoro – Rádio Guairacá, diariamente às 12,30. É um programa que atende ao pedido dos ouvintes.

Música dos Mestres – Rádio Gazeta de São Paulo, diariamente às 13,00. Uma hora da música mais erudita que já se compôs. Varia de gênero conforme o dia.

Festivais G. E. – Rádio Nacional, às quartas-feiras às 20,35. Trata-se de um dos mais tradicionais e antigos programas radiofônicos brasileiros, apresentando a orquestra sinfônica daquela emissora.

Relógio de Dona Música – Rádio Guairacá, quartas-feiras às 21,00 horas.

Música Divina – Rádio Guairacá, domingos às 9 horas da manhã (O COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 1954).

Nota-se o ataque feito à maioria dos programas de rádio, acusados de emitirem conteúdos de “baixo valor estético”. Entre os poucos programas eleitos, há uma preferência nítida pela música de caráter erudita. É certo que alguns dos programas não revelam o conteúdo musical, no entanto, o discurso agressivo quanto ao “baixo nível estético” das rádios, e a indicação de uma programação voltada à música erudita, revela uma resistência à música popular. Vale ressaltar que a existência de um programa que atendia ao pedido dos ouvintes, mostrava confiança da rádio no gosto musical de seu público, formado de estudantes secundaristas, representantes de uma elite cultural. Em 1959, o Colégio Estadual do Paraná já contava com uma rádio escolar, cuja programação é relatada no periódico O Colégio Estadual do Paraná:

2ª feira: - Às 20 horas, “Noticiário do Departamento de Turismo e Divulgação do Estado”. Em seguida, um variado. Às 20,30, “Ópera em Casa”, até o encerramento.

3ª feira: - Às 20 horas, “Noticiário do Departamento de Turismo e Divulgação do Estado”. Em seguida, programa da “Juventude Musical Brasileira Secção do Paraná”. Às 20,30, “Música de Câmera”, até o encerramento.

4ª feira: - Às 20 horas, “Noticiário do Departamento de Turismo e Divulgação do Estado”. Em seguida, um variado. Às 20,30, “No Mundo da Sinfonia”, até o encerramento.

5ª feira: - Às 20 horas, “Noticiário do Departamento de Turismo e Divulgação do Estado”. Em seguida, “Música e Arte Alemãs”. Às 20,30, “Noite de Concertos”, até o encerramento.

6ª feira: - Às 20 horas, “Noticiário do Departamento de Turismo e Divulgação do Estado”. Em seguida, “Hora Franceza”. Às 20,30, “No Reino da Operata”, até o encerramento. (O COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ, 1959).

Novamente a presença da música erudita torna-se marcante. Cabia à escola a necessidade de formar um público conhecedor da música culta. Programas de rádio como estes podiam se difundir livremente nas escolas, uma vez que não deixavam de privilegiar as diretrizes nacionais do Canto Orfeônico no Brasil. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases 4.021 de 1961, o ensino de Canto Orfeônico foi extinto do rol de disciplinas obrigatórias da escola básica, sendo encontrada apenas a disciplina de Música no rol de disciplinas optativas.

Considerações finais

Mesmo que em Curitiba as apresentações orfeônicas não representem a mesma amplitude do que as promovidas por Villa-Lobos, ainda assim foram amplamente valorizadas. O teor nacionalista esteve presente no período do Estado Novo, buscando a conformação do aluno frente ao Governo ditatorial. Entre as diferentes estratégias para atingir este objetivo está a da exaltação popular à Pátria. Nesse sentido, a música foi utilizada como forma de propagandear o Estado Novo e a política Getulista, tornando-se um poderoso instrumento nas mãos dos ideólogos do Governo. Da mesma forma que havia o apoio ao ensino de música na escola, havia a perseguição a música popular por parte do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), quando apresentava um conteúdo considerado ofensivo à ideologia do Estado Novo, caso do compositor Wilson Batista, que teve sua música *Lenço no Pescoço*, censurada por exaltar a vida boemia e a negação ao trabalho. Após o término do período do Estado Novo em 1945, as

apresentações dos orfeões curitibanos, assim como o ensino de Canto Orfeônico na escola, persistiram. A atuação incondicional de Villa-Lobos prosseguiu até o ano de sua morte em 1959, independente da política adotada pelo país.

O ensino de Canto Orfeônico, mesmo que privilegiando a cultura nacional através de elementos folclóricos, elegeu a música erudita como a detentora de qualidade estética elevada. Em oposição à música de apelo comercial, as emissoras e programas de rádio acabaram por ser alvo de críticas por parte dos estudantes secundários do Colégio Estadual do Paraná, que representavam uma elite, tendo em vista que a maioria da população brasileira das décadas contempladas neste estudo não possuía sequer o nível primário concluído.

Fontes

A BOA música no rádio brasileiro. **O Colégio Estadual do Paraná**, Curitiba, mai./jun. 1954. n. 69, ano XIV.

A RADIO emissora do Colégio Estadual do Paraná. **O Colégio Estadual do Paraná**, Curitiba, Jul. 1959, n. 88, ano XVIII.

ABREU, A. de. **Leis do ensino secundário e seus comentários**: Manual do Inspetor de Ensino Secundário. 2. ed. Belo Horizonte: Graphica Queiroz Breyner Ltda., 1939.

BRASIL. Decreto-Lei nº 9.494, de 22 de julho de 1946. A Lei Orgânica do Ensino de Canto Orfeônico. Diário Oficial. 27. jul. 1946

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE. **Ensino secundário brasileiro**: organização – legislação vigente – programas. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, nº 67, 1952.

COMEMORAÇÕES do dia do professor. **Diário da Tarde**, Curitiba, 15 out. 1944.

ENCERRAM-SE de maneira brilhante as comemorações da “semana da árvore”. **Arquivos de Bento Mussurunga**. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 1953. 1 bobina de microfilme: neg.

FAGGION, C. M. O rádio brasileiro e a boa música. **O Colégio Estadual do Paraná**, Curitiba, abr. 1954. n. 68, ano XIII.

FAGGION, C. M. Um gênio musical. **O Colégio Estadual do Paraná**, Curitiba, set. 1953. n. 66, ano XIII.

FESTA de encerramento do ano letivo no Ginásio Paranaense. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 30 nov. 1937.

O DIA da bandeira no Ginásio Paranaense. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 21 abr. 1939.

O DIA do professor. **O Colégio Estadual do Paraná**, Curitiba, out. 1953. n. 67, ano XIII.

O GYMNASIO Paranaense e as comemorações em Carlos Gomes. **Jornal de Antonina**, Antonina, 09 jul. 1936.

RANGEL, E. B.; TEIXEIRA, O. De “A bela morena” à “Marcha do Centenário” – Mossurunga louvou o Paraná em música. **O Colégio Estadual do Paraná**, Curitiba, mai./jun. 1954. n. 69, ano XIV.

Referências

BOMENY, H. Infidelidades eletivas: intelectuais e a política. In _____. (org) Constelação Capanema: intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p.11-36.

CALDAS, W. Luz Neon: canção e cultura na cidade. São Paulo: Studio Nobel-SESC, 1995.

GOLDEMBERG, R. Educação musical: a experiência do canto orfeônico no Brasil. Disponível em <http://www.samba-choro.com.br/print/debates/1033405862/index_hrml> Acessado em: 9 jun. 2003.

HORTA, J. S. B. A I Conferência Nacional de Educação ou de como monologar sobre educação na presença de educadores. In: GOMES, A. C. (org). Capanema: o ministro e seus ministérios. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

JANNIBELLI, E. D. A Musicalização na escola. 1. ed., Estado da Guanabara, abr. 1971.

KIEFER, B. Villa-Lobos e o modernismo na música brasileira. 2. ed. Porto Alegre: Movimento; Brasília: INL, 1986.

LENHARO, A. Sacralização da política. Campinas: Papyrus, 2. ed., 1986.

NUNES, C. As políticas públicas de educação de Gustavo Capanema no governo Vargas. In: BOMENY, Helena (org). Constelação Capanema: intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p.103 – 126.

PARANHOS, A. O Coro da Unanimidade Nacional: o culto ao Estado Novo. Revista de sociologia e política: Estado Novo (1937 – 1945). Curitiba, n. 9: Ed. Da UFPR, 1997.

PECAUT, D. Os Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

SCHWARTZMAN, S; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. Tempos de Capanema. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

STRAUBE, E. C. Do Licêo de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná: 1846 – 1993. Curitiba: Fundepar, 1993.

VALLE, J. N.; ADAM, J. N. G. Linguagem e estruturação musical. 3. ed. Curitiba: Composto e impresso na Impressora Cacique Ltda, 1986.

VELLOSO, Mônica P. Os intelectuais e a Política cultural do Estado Novo In: Revista de sociologia e política – Estado Novo (1937 – 1945), Curitiba, n. 9, p. 57 - 74, 1997.